

PROJETO
lagoa
VIVI

NATURALISTAS EM MARICÁ



CRÉDITOS

Este material foi elaborado no âmbito do Convênio de PDI (Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação) celebrado entre a CODEMAR (Companhia de Desenvolvimento de Maricá), Prefeitura Municipal de Maricá e UFF (Universidade Federal Fluminense).

Prefeito Municipal de Maricá

Fabiano Horta

Presidente da CODEMAR

Hamilton Lacerda

Coordenador do Projeto Lagoa Viva - CODEMAR

Eduardo Britto

Reitor da Universidade Federal Fluminense

Dr. Antônio Cláudio Lucas da Nóbrega

Presidente da Fundação Euclides da Cunha

Dr. Alberto Di Sabatto

Coordenador do Projeto Lagoa Viva - UFF

Dr. Eduardo Camilo da Silva

Coordenadora do PPGAd/UFF

Dra. Ana Raquel Coelho Rocha

Gerente do Projeto Lagoa Viva - UFF

Marcio Soares da Silva

Coordenadora Científica do Projeto Lagoa Viva UFF

Dra. Evelize Folly das Chagas

Organização dos Conteúdos

Anna Clara Waite

Autores Conteudistas

Renan Amorim, Mahathma Aguiar Barreto, Pedro da Silva Sant'Anna, Lucas Gaudie-Ley, Joel de Mattos Junior, Victor Aleluia da Silva, Beatriz Freitas dos Santos Gonçalves, Carolina Waite, Lara Pompermayer, Danniela Scott, Khauê Vieira e Fabiana Pompermayer

Revisor e Editor

Jefferson Lopes Ferreira Junior

Diagramação

Julia Braghetto Moreira



PROJETO
lagoa
VIVA

NATURALISTAS EM MARICÁ

1ª edição, volume I. Rio de Janeiro, Eduk.AI Ltda., 2024
© 2024 Eduk.AI Ltda.

produção:

EDUK.AI | Transformação
Inovação educacional
Inteligência Artificial



INTRODUÇÃO

A Plataforma LAGOA VIVA de Maricá é uma Comunidade Educacional que visa a Aprendizagem Ambiental desenvolvida com recursos tecnológicos de inteligência artificial para identificar índices de maturidade ambiental da população e para fornecer trilhas de aprendizagem. A proposta é identificar o perfil comportamental ambiental do indivíduo para o desenvolvimento de autopercepção e fornecer trilhas de aprendizagem com o intuito de ampliar a consciência ambiental e proporcionar uma maior eficácia de práticas cotidianas de preservação do meio ambiente.

Esta Comunidade Educacional de Aprendizagem Ambiental também se dedica à disponibilização de cartilhas e ebooks para que docentes, discentes e público em geral possam obter conteúdo de qualidade e de fácil acesso nas diversas temáticas sobre o meio ambiente. A educação ambiental é uma ferramenta importante para o desenvolvimento sustentável, contribuindo para a construção de uma cidade mais justa, igualitária e ambientalmente responsável. Por isso, cientes da importância e urgência desta questão, a CODEMAR (Companhia de Desenvolvimento de Maricá), UFF (Universidade Federal Fluminense) e Prefeitura de Maricá, desenvolveram a Plataforma LAGOA VIVA, uma iniciativa pioneira que utiliza tecnologia de ponta e tem potencial de revolucionar o âmbito da Educação Ambiental.

As cartilhas e ebooks estão organizadas nos principais temas que envolvem todas as esferas planetárias. Os conteúdos perpassam os seguintes eixos (esferas):



PLANETA TERRA



HIDROSFERA



ATMOSFERA



BIOSFERA



GEOSFERA



ANTROPOSFERA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
O NATURALISMO E AS EXPEDIÇÕES NATURALISTAS NO BRASIL	8
OS NATURALISTAS EM MARICÁ	19
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54



INTRODUÇÃO

Bem-vindo a este e-book, onde convidamos você a explorar a rica história das expedições naturalistas em Maricá, no Rio de Janeiro, e desvendar os segredos e descobertas feitas por renomados cientistas em suas jornadas pela biodiversidade brasileira.

Nas próximas páginas, você terá a oportunidade de conhecer o contexto histórico que moldou o naturalismo e as expedições científicas, bem como compreender as motivações e desafios enfrentados por esses pioneiros em suas buscas pelo conhecimento. Descubra como suas descobertas influenciaram a maneira como enxergamos a natureza e moldaram nossa compreensão do mundo ao nosso redor.

Ao longo do e-book, apresentaremos biografias e relatos emocionantes das aventuras de naturalistas notáveis, como Augusto de Saint-Hilaire, Maximiliano - Príncipe de Wied Neuwied, Theodor Von Leithold, Ludwig Von Rango, John Luccock, Charles Frederick Hart e Charles Darwin. Aprenda sobre suas realizações, desafios e as contribuições duradouras que deixaram para a ciência e a conservação da natureza.

Além disso, analisaremos a teoria da evolução de Charles Darwin, desvendando sua importância e como ela transformou nossa compreensão da vida na Terra. Descubra também a perspectiva de Darwin sobre temas sociais, como a escravidão, e como suas ideias impactaram o mundo.

E, por último, apresentaremos o papel fundamental do Museu Nacional do Rio de Janeiro no fomento e desenvolvimento das ciências naturais e do naturalismo no Brasil. Conheça sua história e descubra como o museu se tornou um centro de preservação, estudo e divulgação do conhecimento científico no país.

Embarque conosco nesta jornada inspiradora e educativa pelo mundo do naturalismo em Maricá e aprofunde-se nas histórias e legados desses cientistas extraordinários. Esperamos que, ao final desta leitura, você esteja ainda mais fascinado e inspirado pela natureza e pelo patrimônio natural que nos rodeia.

**BOA
LEITURA!**



Capítulo 1

O NATURALISMO E AS EXPEDIÇÕES NATURALISTAS NO BRASIL



O naturalismo foi um movimento científico que floresceu entre os séculos XVIII e XIX, tendo como principal objetivo o estudo e a classificação da natureza. Os naturalistas, como eram chamados os cientistas envolvidos neste movimento, buscavam compreender os mecanismos e processos naturais por meio da observação, coleta e catalogação de espécimes da flora, fauna e geologia. Neste contexto, diversas expedições científicas foram organizadas com o intuito de explorar territórios desconhecidos e ampliar o conhecimento sobre a biodiversidade do planeta.

O Brasil, com sua rica e diversificada fauna e flora, foi um dos destinos mais cobiçados pelos naturalistas europeus. A Mata Atlântica, em particular, despertou grande interesse devido à sua exuberante biodiversidade e singularidade. Estendendo-se ao longo da costa leste brasileira, esse bioma abriga uma das maiores concentrações de espécies endêmicas do mundo, muitas das quais ainda desconhecidas pela ciência na época das expedições.

Nesse cenário, Maricá, no estado do Rio de Janeiro, se destacou como um importante ponto de estudo e passagem para diversos naturalistas renomados, tais como Augusto de Saint-Hilaire, Maximiliano – Príncipe de Wied Neuwied, Theodor Von Leithold, Ludwig Von Rango, John Luccock, Charles Frederick Hart e Charles Darwin. Esses cientistas percorreram a região coletando espécimes e registrando suas observações, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento sobre a natureza brasileira.

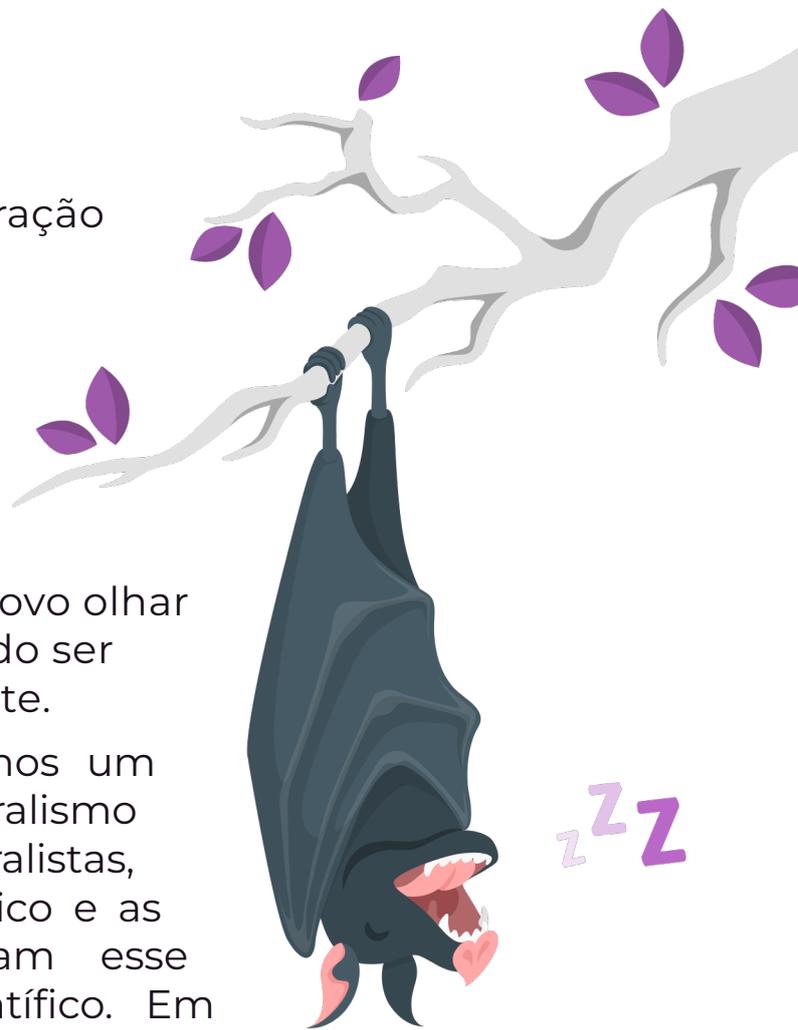
As expedições naturalistas tinham uma importância que ia além do mero conhecimento científico. Elas serviam como instrumentos políticos e econômicos, auxiliando na



expansão territorial, na exploração de recursos naturais e no estabelecimento de relações diplomáticas entre nações. Além disso, as descobertas feitas pelos naturalistas influenciaram o pensamento e a cultura da época, proporcionando um novo olhar sobre a natureza e a relação do ser humano com o meio ambiente.

Neste livro, apresentaremos um panorama geral do naturalismo e das expedições naturalistas, explorando o contexto histórico e as características que marcaram esse importante movimento científico. Em seguida, dedicaremos um capítulo a cada um dos naturalistas que passaram por Maricá, abordando suas biografias, trajetórias e descobertas relevantes no campo da ciência. Ao longo da narrativa, buscaremos construir um texto coeso e fluído, proporcionando uma leitura agradável e envolvente para o público adulto interessado em aprofundar seus conhecimentos sobre essa fascinante história.

Após explorar o contexto e as características gerais do naturalismo, bem como a importância das florestas brasileiras e, em especial, da Mata Atlântica, é fundamental analisar as complexidades e nuances dessa época. Embora as expedições naturalistas tenham sido motivadas, em grande parte, pela curiosidade científica e pelo desejo de compreender a biodiversidade global, é impossível desconsiderar o papel do imperialismo europeu na propagação e financiamento dessas iniciativas. A seguir, abordaremos as relações entre o naturalismo e o imperialismo, investigando como esses fenômenos se entrelaçaram e moldaram a história e os legados do naturalismo na América do Sul e, mais especificamente, no Brasil.



É importante ressaltar que existe uma relação entre o naturalismo e o imperialismo europeu. Durante os séculos XVIII e XIX, as potências europeias estavam em constante expansão territorial, buscando colonizar e explorar novas terras ao redor do mundo. Nesse contexto, o naturalismo desempenhou um papel importante ao servir como uma ferramenta política e econômica para essas nações.

As expedições naturalistas eram financiadas e apoiadas pelos governos e instituições científicas da época, com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre as regiões exploradas, seus recursos naturais e potenciais econômicos. Essas informações eram essenciais para o planejamento e a execução de políticas de colonização e exploração.

Além disso, as descobertas feitas pelos naturalistas contribuíam para a construção de uma imagem positiva das potências coloniais, que se apresentavam como propagadoras do conhecimento e da civilização. O domínio científico das novas terras e suas riquezas naturais também era visto como uma forma de legitimar a ocupação e o controle das áreas colonizadas, já que a ciência era considerada uma área de excelência dos europeus.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar dessa relação, nem todos os naturalistas tinham objetivos imperialistas. Muitos deles eram movidos pela curiosidade e pelo desejo genuíno de ampliar o conhecimento sobre a natureza e a biodiversidade do planeta. Além disso, as descobertas feitas pelos naturalistas também contribuíam para a valorização e a conservação do meio ambiente, fomentando a criação de áreas protegidas e políticas de conservação.

Dessa forma, a relação entre naturalismo e imperialismo europeu é complexa e multifacetada, refletindo as tensões e os interesses que marcaram a história da ciência e da exploração colonial durante os séculos XVIII e XIX.

Ao examinarmos a interação entre o naturalismo e o imperialismo, devemos também considerar as implicações desse relacionamento para a forma como os seres humanos

percebem e interagem com a natureza. O imperialismo, em muitos aspectos, promoveu uma visão utilitarista e limitada da natureza, enxergando-a como um recurso a ser explorado e um meio para atender aos interesses econômicos e políticos. Nesse contexto, é fundamental avaliar se e como o naturalismo fortaleceu essa perspectiva e quais foram suas consequências para a relação entre seres humanos e o meio ambiente ao longo do tempo.

É inegável que o naturalismo proporcionou diversas descobertas e benefícios importantes nos campos da ciência, cultura e sociedade. Entre as principais contribuições desse movimento, podemos destacar:

AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A BIODIVERSIDADE

1

As expedições naturalistas contribuíram para a descoberta e a catalogação de inúmeras espécies de plantas, animais e outros organismos. Isso enriqueceu significativamente o conhecimento científico sobre a diversidade biológica do planeta e permitiu uma melhor compreensão das relações ecológicas e evolutivas entre as espécies.

DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TEORIAS E CONCEITOS CIENTÍFICOS

2

O naturalismo serviu como base para o desenvolvimento de importantes teorias e conceitos científicos, como a teoria da evolução por seleção natural, proposta por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace. Além disso, as observações dos naturalistas também impulsionaram avanços em áreas como taxonomia, ecologia, geologia e etnografia.

3

DESCOBERTA DE RECURSOS NATURAIS

As expedições naturalistas auxiliaram na identificação e exploração de recursos naturais, como minerais, plantas medicinais e espécies com potencial econômico. Isso teve um impacto significativo no desenvolvimento de indústrias e na geração de riquezas para os países envolvidos.

4

ESTÍMULO À CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

O naturalismo ajudou a despertar a consciência sobre a importância da conservação da biodiversidade e dos ecossistemas. O conhecimento gerado por essas expedições serviu como base para a criação de áreas protegidas e políticas de conservação, contribuindo para a preservação da natureza e dos recursos naturais.

5

INFLUÊNCIA NA ARTE E NA CULTURA

O naturalismo teve um impacto significativo na arte e na cultura da época, inspirando pintores, escritores e outros artistas a retratar a natureza e a explorar temas relacionados à biodiversidade e às relações entre os seres humanos e o meio ambiente. O movimento também influenciou o pensamento filosófico e social, levando a uma maior valorização da natureza e de sua preservação.

6

FOMENTO AO INTERCÂMBIO CULTURAL E CIENTÍFICO

As expedições naturalistas promoveram o intercâmbio cultural e científico entre diferentes nações, favorecendo a cooperação e a troca de conhecimentos entre cientistas de todo o mundo. Isso ajudou a estabelecer relações diplomáticas e a criar uma rede global de colaboração em torno da pesquisa científica.

Em suma, o naturalismo proporcionou inúmeros benefícios e descobertas que enriqueceram o conhecimento humano e moldaram a maneira como entendemos e nos relacionamos com a natureza.

É verdade que o naturalismo, especialmente no contexto do imperialismo europeu, pode ter contribuído para uma perspectiva que enxerga a natureza como um recurso a ser explorado e utilizado pelos seres humanos. A busca por novos recursos naturais e o interesse econômico das potências coloniais certamente influenciaram a forma como a natureza era percebida e valorizada na época.

No entanto, é importante ressaltar que o naturalismo também teve um papel fundamental na mudança de paradigmas e na evolução do pensamento sobre a relação entre seres humanos e natureza. Muitos naturalistas eram genuinamente apaixonados pela biodiversidade e pelo estudo dos processos naturais, e suas descobertas e observações contribuíram para uma maior compreensão e valorização do meio ambiente.

Com o tempo, a ciência e a sociedade começaram a perceber que a natureza não é apenas um recurso a ser explorado, mas também um sistema complexo e interconectado que sustenta a vida no planeta. O conhecimento gerado pelo naturalismo, portanto, também ajudou a lançar as bases para o desenvolvimento de conceitos e políticas voltadas à conservação e à sustentabilidade.

Dessa forma, é importante reconhecer que o naturalismo, assim como qualquer outro movimento histórico, possui aspectos ambíguos e multifacetados. Embora



tenha contribuído, em alguns aspectos, para uma perspectiva utilitarista da natureza, também foi fundamental na evolução do pensamento e na promoção de uma maior consciência e responsabilidade em relação ao meio ambiente.

Considerando a visão naturalista da natureza e sua relação com o imperialismo, é interessante notar como essas perspectivas foram incorporadas às instituições científicas da época. Um exemplo emblemático é o Museu Nacional do Rio de Janeiro, fundado por Dom João VI como Museu Real. A criação dessa instituição representou um esforço para estabelecer um espaço científico no território brasileiro, concentrando materiais e conhecimentos das ciências naturais em benefício do comércio, da indústria e das artes no país. A fundação do Museu Real, juntamente com a Instrução pública impressa, demonstra a tentativa de consolidar um museu metropolitano e universal, abrigando coleções botânicas, zoológicas e antropológicas coletadas não apenas no Brasil, mas também nas ilhas da África e da Ásia sob domínio português. Essa iniciativa estava alinhada com os interesses da futura imperatriz D. Leopoldina e com as missões dos naturalistas que começaram em 1817, cujas coletas também deveriam ser enviadas ao museu. Assim, o Museu Nacional exemplifica a interseção entre a busca pelo conhecimento científico e os interesses imperiais da época.

O Museu Nacional, localizado no Rio de Janeiro, é a instituição científica mais antiga do Brasil e tem uma relação profunda com as ciências naturais e o naturalismo no país. Fundado em 1818 por Dom João VI, o museu foi inicialmente criado como uma instituição dedicada à ciência natural e ao estudo da natureza. Ao longo de sua história, o Museu Nacional desempenhou um papel crucial no desenvolvimento e na promoção das ciências naturais no Brasil. De acordo com a pesquisadora Flávia Souza (2017, p. 51):



A criação do Museu Real no Brasil é considerada pela atual historiografia um passo importante para a consolidação de um espaço científico em território brasileiro. Logo após o decreto de sua criação, materiais que estavam distribuídos em diversos locais foram enviados ao Rio de Janeiro para serem concentrados em um só local. Além disso, também foi impressa uma Instrução pública que fornecia orientações específicas para viajantes e empregados das colônias sobre como colher, conservar e remeter objetos ao museu (LoPES, 2009, p. 45). A impressão da Instrução e a criação do museu podem ser entendidas como uma tentativa de estabelecer na capital do império (sede da monarquia do Reino de Portugal) um museu metropolitano, de caráter universal, que agrupasse em um só local coleções botânicas, zoológicas e antropológicas coletadas, ao lado de objetos enviados das ilhas da África e da Ásia, que também viviam sob o domínio português (LoPES, 2009, p. 41). Por fim, também se atribuiu a criação do Museu Real aos interesses da futura imperatriz d. Leopoldina, em apoio à missão dos naturalistas que se iniciaram a partir de 1817/26 e que deveriam (de acordo com a Instrução) enviar ao futuro museu duplicatas de todas as coletas realizadas no Brasil.

Por isso, a instituição abriga uma das maiores e mais importantes coleções científicas da América Latina, com milhões de itens relacionados à zoologia, botânica, paleontologia, antropologia e arqueologia. Essas coleções incluem espécimes coletados por naturalistas brasileiros e estrangeiros que realizaram expedições pelo país, bem como materiais obtidos por meio de trocas com outros museus e instituições científicas ao redor do mundo.



Ao longo de sua história, o Museu Nacional tem sido um centro de pesquisa e formação nas ciências naturais no Brasil, contribuindo para o avanço do conhecimento científico e para a formação de gerações de pesquisadores e cientistas. A instituição está vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e oferece programas de pós-graduação em diversas áreas das ciências naturais e humanas.



Além de sua contribuição para a pesquisa e a educação, o Museu Nacional também tem um papel importante na conservação do patrimônio natural e cultural brasileiro. A instituição trabalha em estreita colaboração com outras organizações e agências governamentais para proteger e preservar a biodiversidade, os ecossistemas e o patrimônio histórico e arqueológico do Brasil.

Infelizmente, em setembro de 2018, um incêndio devastador destruiu grande parte do prédio histórico e de suas coleções. Esse trágico evento trouxe à tona a importância do Museu Nacional e a necessidade de investimento e apoio às instituições culturais e científicas no Brasil. Desde então, esforços estão sendo feitos para reconstruir o museu e recuperar o que foi perdido, incluindo campanhas de captação de recursos, projetos de pesquisa e ações de conservação e restauro.

Em resumo, o Museu Nacional tem uma relação intrínseca com as ciências naturais e o naturalismo no Brasil, desempenhando um papel fundamental na pesquisa, na educação e na conservação do patrimônio natural e cultural do país. A instituição é um símbolo da rica história científica brasileira e um testemunho do legado dos naturalistas que contribuíram para o avanço do conhecimento sobre a biodiversidade e os ecossistemas brasileiros.



Em conclusão, o primeiro capítulo do e-book destaca a importância do naturalismo e das expedições naturalistas, enfatizando o papel fundamental das florestas brasileiras e da Mata Atlântica nesse contexto. Ao analisar as complexidades e nuances desse período, fica evidente que as expedições naturalistas estavam intrinsecamente relacionadas ao imperialismo europeu, sendo impulsionadas tanto pela curiosidade científica quanto pelos interesses econômicos e políticos das potências coloniais.

Apesar de algumas implicações negativas, como uma visão utilitarista e limitada da natureza, o naturalismo também contribuiu para uma maior consciência e responsabilidade em relação ao meio ambiente. Essa mudança de paradigma foi importante para o avanço do conhecimento científico e para a preservação da biodiversidade.

Ao longo do próximo capítulo, exploraremos a vida e os feitos dos naturalistas que passaram por Maricá, no Rio de Janeiro, aprofundando nosso entendimento sobre suas descobertas e contribuições. Através desse estudo, poderemos compreender melhor o impacto e o legado do naturalismo no Brasil e na ciência em geral, bem como o papel das instituições científicas, como o Museu Nacional, na preservação e promoção do conhecimento e da biodiversidade.



Capítulo 2

OS NATURALISTAS EM MARICÁ



Como dito, no século XIX o Brasil e especialmente o Rio de Janeiro recebeu a visita de muitos pesquisadores, de diversas formações, conhecidos como naturalistas que vieram conhecer a nossa floresta Atlântica e deixaram trabalhos extremamente importantes para nós. Foi nesse período também que Maricá recebeu a visita de diversos cientistas, pesquisadores e naturalistas europeus. Vários deles registraram em seus diários de viagem suas importantes impressões sobre as riquezas que encontraram aqui. Vou citar alguns dos mais importantes, como John Luccok, o príncipe Alemão Maximiliano de Wied Neuwied, Augusto de Saint-Hilaire, Francis de Castelnau e o mais famoso de todos: Charles Darwin. Agora, iremos saber um pouco mais sobre suas histórias e contribuições além de descobrirmos através dos registros de seus diários as impressões que tiveram da região.



AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE

Auguste de Saint-Hilaire, nascido em 4 de outubro de 1799 e falecido em 30 de setembro de 1853, foi um naturalista e botânico francês que teve uma contribuição significativa para o estudo da flora e da fauna brasileiras.

Saint-Hilaire estudou inicialmente medicina e farmácia na França, mas sua paixão pela botânica o levou a seguir a carreira científica. Em 1816, ele se juntou ao Museu Nacional de História Natural de Paris e começou a se dedicar à botânica e à zoologia.

Em 1816, Saint-Hilaire embarcou em uma expedição científica ao Brasil, que durou até 1822. Durante sua estadia no país, ele viajou por várias regiões, incluindo São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Espírito Santo, coletando espécimes de plantas, animais e minerais. Ele também realizou observações sobre a geografia, a cultura e os costumes locais, bem como a política e a economia das regiões visitadas.



A importância de Auguste de Saint-Hilaire para a ciência e o conhecimento da biodiversidade brasileira é inestimável. Ele coletou mais de 60.000 espécimes de plantas, das quais muitas eram desconhecidas para a ciência na época. Seus estudos contribuíram para a descrição de aproximadamente 1.500 novas espécies de plantas, além de várias espécies de animais. Suas coleções e anotações foram fundamentais para o avanço do conhecimento sobre a flora e a fauna do Brasil e serviram como base para estudos posteriores de botânicos e zoólogos.

Além de seu trabalho como naturalista, Saint-Hilaire também teve um papel importante na diplomacia e na política. Ele atuou como cônsul francês no Brasil e teve um papel relevante na independência do país, apoiando Dom Pedro I e a causa brasileira.

Ao longo de sua vida, Auguste de Saint-Hilaire publicou diversos livros e artigos sobre suas descobertas e experiências no Brasil, incluindo “Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Gerais”, “Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil” e “Plantes usuelles des Brésiliens”. Essas publicações são consideradas obras clássicas da literatura científica e tiveram um impacto duradouro na compreensão do Brasil e de sua rica biodiversidade.

“

Entre Praia Grande e Cabo Frio estende-se paralelamente ao litoral uma longa série de lagunas que embelezam a região e contribuem para dar abastança aos habitantes, oferecendo-lhes abundante pesca. Essas lagunas são as de Piratininga, situada a três quartos de légua da entrada da baía e com três quartos de légua de comprimento; a de Itapuí, a lagoa de Maricá, de duas a três léguas comprimento e que em certas épocas se comunica com o mar e é tida como muito piscosa; a lagoa de Corurupina, cujas águas têm comunicação com as de Maricá; a lagoa Brava, de menos de meia légua de comprimento; a lagoa Jacuné.

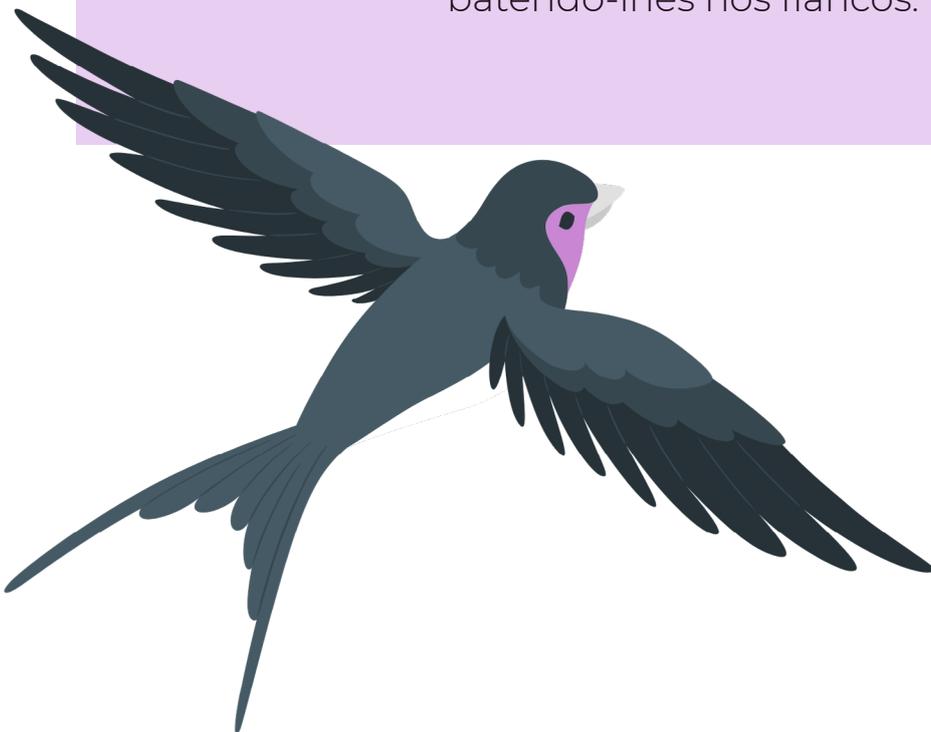
”



“

Entre Guaxindiba e Cabeçú vi um grande número de tropas que vinham da cidade de Maricá, de Saquarema e de outras aldeias algumas léguas e que iam levar os diversos produtos da região a Praia Grande ou aos portos vizinhos. Far-se-á uma ideia bem falsa se se lhes aplicar o que eu já disse a respeito das caravanas, tão bem organizadas, que são o veículo do comércio de Minas. Como as distâncias aqui são muito pequenas os animais empregados, de preferência os menores e os mais fracos. Quando se quer usá-los lança-se sobre seu lombo um pedaço de pano e por cima uma albarda grosseira à qual dependuram, à direita e à esquerda, sacos de couro cru contendo os mantimentos que enviam à cidade. Os negros condutores de animais não possuem nenhuma ideia sobre o modo de tratá-los. e frequentemente veem-se esses pobres animais galopar com seus sacos batendo-lhes nos flancos.

”



MAXIMILIANO

Príncipe de Wied Neuwied

Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied, também conhecido como Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, nasceu em 23 de setembro de 1782 e faleceu em 3 de fevereiro de 1867. Ele foi um explorador, etnógrafo e naturalista alemão que desempenhou um papel importante no estudo e na documentação da fauna, flora e culturas indígenas do Brasil.

Príncipe Maximiliano estudou na Universidade de Göttingen e na Universidade de Jena, onde se formou em ciências naturais e administração pública. Depois de servir no exército e participar das Guerras Napoleônicas, ele se voltou para suas paixões científicas e empreendeu uma expedição ao Brasil entre 1815 e 1817.

Durante sua viagem ao Brasil, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied explorou principalmente as regiões sudeste e sul do país, incluindo Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Ele coletou uma grande quantidade de espécimes de plantas e animais, muitos dos quais eram desconhecidos para a ciência na época, e registrou observações detalhadas sobre a geografia, a geologia, a fauna e a flora das áreas visitadas.

Além do trabalho naturalista, Maximiliano de Wied-Neuwied é especialmente conhecido por seus estudos etnográficos das populações indígenas do Brasil, incluindo os Botocudos, os Puris e os Coroados. Ele documentou seus costumes, línguas e modo de vida, contribuindo significativamente para o conhecimento sobre esses povos.

A importância do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no campo da etnografia e das ciências naturais é evidenciada por suas publicações, que incluem “Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817” (Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817) e “Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien” (Contribuições à História Natural do Brasil). Essas obras oferecem uma visão detalhada e valiosa da diversidade biológica e cultural do

Brasil no início do século XIX e são consideradas clássicas na literatura científica e etnográfica.

A contribuição de Maximiliano de Wied-Neuwied para o conhecimento sobre a biodiversidade brasileira e as culturas indígenas é inestimável, e seu trabalho continua a ser uma referência para pesquisadores e estudiosos até hoje.

Sobre a Pedra de Inoã há o seguinte registro: “o selvático espetáculo excedeu de muito tudo quanto a minha fantasia concebera até então sobre as grandes cenas da natureza. [...] Naquelas sombras espessas, próximo às frias correntes da montanha, o viajante, afogueado especialmente nascido nos países do norte, goza de uma temperatura absolutamente refrescante, aumentando o encanto que essas cenas sublimes trazem ao espírito, incessantemente arrebatado pelo selvagem panorama. A cada momento encontrávamos alguma coisa nova que atraía nossa atenção.”

Além disso, registrou o seguinte sobre a Vila de Maricá em 1815:

“

“À tardinha chegamos à freguesia de Maricá, junto ao lago do mesmo nome. A população dessa freguesia é de cerca de oitocentas almas. Os moradores de uma casa um pouco afastada, diante da qual paramos, fecharam as portas cuidadosamente. Todos os vizinhos também se reuniram para nos contemplar, embasbacados; mas quando começamos a esfolar e a preparar os animais mortos durante o dia, moços e velhos sacudiram as cabeças e riam-se cuidadosamente dos parvos estrangeiros. As espingardas de dois canos, para eles aparição inteiramente nova, interessavam-nos ainda mais que nós próprios.”

”



“

Todos os vizinhos também se reuniram para nos contemplar, embasbacados; mas, quando começamos a esfolar e a preparar os animais mortos durante o dia, moços e velhos sacudiram as cabeças e riram-se ruidosamente dos parvos estrangeiros. As espingardas de dois canos, para eles aparição inteiramente nova, interessavam-nos ainda mais que nós próprios. O lago Maricá, junto ao qual levamos um dia a explorar-lhe as cercanias arenosas, tem cerca de seis léguas de circunferência. Suas margens são baixas e pantanosas, e o peixe é abundante.

Vi uma espécie de bagre *Silurus* que nelas existe em abundância; parecem numerosas as espécies desse gênero na costa oriental do Brasil. À beira do lago encontramos algumas conchas, porém só de uma espécie muito conhecida; e nos paus próximos, um caracol de terra ou brejo, de que me ocuparei em outro lugar. As aves vistas na praia foram uma espécie de gaivota muito semelhante ao nosso *Larus ridibundus*.

”



“

Com cabeça preta, bico vermelho e pés da mesma cor, uma bonita espécie de andorinha do mar (*Sterna*), pavoncinhos, uma espécie de maçarico (*Charadrius*), enquanto nas alturas pairavam os “urubus”, assim sobre o pântano como na mata. Foi aí que tive, pela primeira vez, o prazer de caçar o “acabiray” (*Vultur aura*, Linn.), que somente Azara soube, até agora, distinguir devidamente.

”

“

Trata-se aqui do “urubu de cabeça vermelha” também chamado “urubu-campeiro”, “urubu caçador”, etc. (*Cathartes aura ruficollis* Spix) muito espalhado no litoral e nos campos do interior. Mesmo em pleno voo, é fácil distingui-lo do urubu comum, com ter a face inferior das asas, em grande parte, branca.

”

“

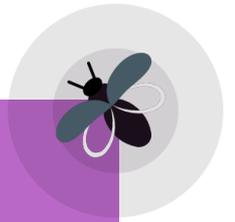
Assemelha-se, à primeira vista, ao urubu de cabeça cinzenta (“Iribu” de Azara), se bem que a um exame mais acurado, ou mesmo voando a considerável altura, se possa diferenciar do outro. Esses abutres representam uma dádiva da natureza em todos os países quentes; porque eles limpam a terra, que, a não ser assim, encheria o ar de exalações deletérias. O seu olfato é tão agudo, que, morto um animal, logo se precipitam para o lugar, em grande número, embora um pouco antes nenhum fosse visto, mesmo à distância, por isso, nunca os perseguem, sendo igualmente numerosos nas regiões descampadas e florestais. As zonas próximas do lago não parecem muito férteis, por causa do solo arenoso e alagado. Os lugares secos são campos, onde pasta o gado, ou montanhas, com rochas e matas. Parece que aqui se criam muitos cavalos, mas não prestam, sendo a maior parte de pequeno tamanho. Vimos também cabras, de pelo curto, brilhante e amarelo-avermelhado, manchado de preto. Não muito longe das margens do lago, chega-se à estrada arenosa que passa entre arvoredos para a pequena Vila de Sta. Maria de Maricá, localidade principal da “freguezia” constituída de casas acachapadas de um só andar, de uma igreja e de ruas regulares, mas sem calçamento.

”

“

As construções não possuem janelas de vidro, porém simples aberturas, que, como no Brasil inteiro, são fechadas com rótulas de madeira. Nas suas proximidades planta-se mandioca, feijão, milho, algum café e principalmente cana de açúcar, que dizem crescer a considerável altura nos lugares férteis, ao passo que mal vai além de seis palmos no solo arenoso.

”



“

Vegetação sempre nova nos distrai enquanto prosseguimos: bignônias das mais lindas flores se enroscam nos arbustos; encontramos, também, alguns frutos de forma muito original. Observam os botânicos que as leguminosas constituem a família mais numerosa da flora brasileira. Não obstante as muitas “fazendas” que aqui se encontram, a região é selvagem e forma, entre altas e pitorescas montanhas, amplo vale de superfície irregular, donde, cercados pelos arbustos, sobem os troncos esbeltos das grandes árvores. Nas cimas destas, presas aos galhos, veem-se massas pardo-escuras, que são as casas de uma pequenina termite amarela, chamada “cupi” ou “cupim”. Formigas e insetos análogos são no Brasil extremamente danosos às plantações. Encontram-se aí em tal abundância estes vorazes animais e tal é o número de suas espécies, que um entomologista poderia escrever, só sobre elas, um grande tratado. São de tamanhos diferentes; uma das maiores espécies, que tem perto de uma polegada de comprimento, e cujo corpo é desproporcionadamente grosso, é assada e comida em muitos lugares, máxime em Minas Gerais, onde é denominada “tanajura”. Outra espécie, pequenina e vermelha, terrivelmente incômoda e daninha. Essas formigas são, também, bastante prejudiciais ao colecionador, pois em pouco tempo destruíram grande número de nossos insetos, sobretudo borboletas. Não raro penetram, em massas compactas, nas casas de residência, onde devoram tudo que seja comível, especialmente doces.

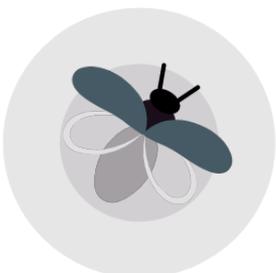
”



“

Não existem meios de proteger esses alimentos, a não ser o de pôr os pés das mesas dentro de latas cheias de água ou untá-los com pixe; mas, ainda assim, muitas vezes elas vencem esses obstáculos. Algumas espécies constroem, com certa qualidade de terra, nas paredes dos quartos, túneis multi-ramificados, por onde sobem ou descem.

”



“

Nas trilhas das florestas vimos exércitos inteiros de grandes formigas, todas carregando pedaços de folhas verdes para os formigueiros.

”

“

Uma floresta virgem em que depois penetramos ofereceu-nos novos e interessantes cenários. O tucano, (*Ramphastos dicolorus*, Linn.) com o bico prodigioso e a garganta de cor alaranjado-vivo, formando belo contraste com a plumagem negra, pela primeira vez suscitou a impaciência dos nossos caçadores; a sorte, entretanto, foi-lhes adversa, porque as aves pousavam tão alto no topo das árvores, que nos era impossível alcançá-las.

”

“

Passamos em seguida pela terra escura de um charco e logo depois estávamos novamente na argila vermelha. Quanto mais avançávamos, mais soberbas e imponentes se mostravam as florestas. O europeu vindo do norte não tem a menor ideia dessa magnificência, nem há palavras para descrever o quadro com tintas comparáveis às sensações despertadas. Cresce em abundância neste lugar uma palmeira de mais ou menos trinta pés de altura, chamada “airi-açu” na “língua geral” e em Minas “brejeúba”. Os selvagens empregam-na na construção de seus arcos; seu caule é pardo-escuro e compactamente coberto de longos espinhos, que se implantam em anéis horizontais. As folhas são compridas e penadas como em todas as espécies de coqueiro, de junto à sua base pendem os cachos amarelos, em que posteriormente se formam os frutos, muito duros e de um preto reluzente, de forma ovóide e do tamanho de um ovo de pomba. Há também em todas essas matas uma similar espinhosa, que se conserva sempre pequena e é chamada “airi mirim. Nenhuma delas foi ainda introduzida nos sistemas de História Natural e apenas foram mencionadas por Arruda(83) ° Nota do Tradutor. Em todos os troncos vicejam plantas herbáceas e lenhosas, como Cactus, Agave e Epidendrum,, ostentando entre os galhos entrelaçados flores ricamente coloridas.

Quando um tronco apresenta uma cavidade ou fenda, plantas tais como Arum, Caladium, Dracontium e outras despontam em grandes tufo de sumarentas folhas verde-escuras, cordiformes ou sagitadas, de tal sorte que o viajante contempla a mais extraordinária associação de espécies vegetais. Entre as plantas acima mencionadas, aparece frequentemente o *Dracontium pertusum* de folhas perfuradas do modo mais estranho; uma esplêndida.

”



“

Maranta de flores azuis também chamou a atenção do nosso botânico. Em nossa jornada de hoje gozamos uma cena divertida com o nosso índio Francisco. Alguém de nossa comitiva julgou ver um pássaro no alto de uma árvore seca e fez fogo em sua direção; porém logo verificou que o que lhe havia parecido um pássaro era apenas o nó de um galho. Francisco, que com a vista aguda, comum a todos os filhos da terra, percebera o erro desde o primeiro instante, conservando-se porém calado à espera do tiro, depois do qual prorrompeu em ruidosa gargalhada que a custo conseguiu reprimir. Todos os sentidos do índio são muito agudos e aperfeiçoados, motivo pelo qual um engano desses lhe parece risível ao mais alto grau. Vezes frequentes nos divertimos com Francisco; era fiel e tinha bom coração, embora fosse também muito birrento e genioso; era assim que fazia questão de atirar o maior número de vezes, e nas melhores aves. Por certo não lhe faltavam esquisitices de índio; ele nunca saía para caçar em jejum como os outros, mas, pelo contrário, esperava o almoço, ainda que esse devesse demorar muito, e ter-se-ia tornado muito mau para seus patrões se por ventura se houvesse querido forçá-lo a proceder como os demais.

”



“

Era nossa intenção, continuando a viagem, atingir Ponta Negra nesse dia; porém perdemos o caminho na labiríntica e quase impraticável floresta que a estrada atravessava. Chegamos, entretanto, a uma grande “fazenda”, cujo proprietário, Sr. Alferes da Cunha Vieira, nos recebeu muito hospitaleiramente. Chama-se a propriedade Gurapina, e possui um grande engenho de açúcar, cujas instalações correspondem às já descritas e figuradas por Koster e outros viajantes. A cana é colocada entre três cilindros verticais que se engrenam uns nos outros por meio de dentes de madeira dura, que assim a esmagam. A cana sai do outro lado como palha comprimida e inteiramente lisa e o caldo é recebido numa tina de madeira, colocada embaixo. Os cilindros são movidos a bois, burros ou cavalos por meio de um comprido varal. O caldo, depois de cristalizar em vasilhas, é fervido em tachos e posto em grandes potes afunilados com um orifício no fundo, por onde se escoo o líquido em excesso; a superfície do açúcar que enche o pote é depois coberta com barro que se diz servir para clareá-lo. Assegurou-nos o Snr. Da Cunha Vieira que, com 20 escravos, obtém agora, anualmente, cerca de 600 arrobas (de 32 libras), ou sejam 10.200 libras de açúcar; e que se tivesse mais braços, poderia fazer de 90 a 100.000 libras. Cultivavam a princípio a cana Caiena; tornando-se, porém, conhecida a de Taiti e revelando-se esta muito mais produtivo, substituiu quase completamente aquela.

”



“

Um moço português, chamado também Francisco, que vivia na “fazenda”, entrou para o nosso serviço como caçador, e revelou extraordinários talentos nesse mister. Era de compleição franzina, mas muito resistente, de boa índole e de esplêndida pontaria. Conhecedor profundo da região e da sua fauna, conseguiu-nos uma porção de interessantes exemplares, entre os quais devo mencionar a Mariquina (*Simia Rosalia*, Linn), que ainda não obtiveramos. A “araponga” (*Procnias nudicollis*), como já foi dito, era muito comum em todas essas montanhas e de todos os lados ouviam-se as notas metálicas de seu canto. Francisco foi quem primeiro conseguiu esse pássaro para a nossa coleção. Os bons caçadores brasileiros possuem extraordinário tino para explorar as florestas: sua enorme resistência ao cansaço, e o costume de andar sempre descalços, dão-lhes grande superioridade nesse gênero de atividade. Vestem-se de uma leve camisa e calças de algodão; muitas vezes levam uma jaqueta sobre o ombro, usando-a quando chove, ou nas noites frias. Cobrem a cabeça com um chapéu de palha ou de feltro. Um cinto de couro, passando sobre o ombro, sustenta o polvarinho e o saco de escumilha, ao passo que o gatilho da longa espingarda é geralmente resguardado da umidade por meio da pele de um animal. Assim equipado, um dos caçadores trouxe-nos um macaco berrador ou “guariba; outro tinha pendurado à espingarda um grande teiu (*Lacerta teguixin*, Linn.) e na mão alguns pássaros, entre os quais chamava a atenção um tucano. Os cães, que costumam levar consigo estes caçadores, servem na caça de veados e porcos do mato.

”

“

A temperatura de Gurapina era muito variável; havia dias tão frios, que o termômetro marcava 13° Réaumur, ao meio-dia, embora tivéssemos períodos de tempo cálido e agradável. Muitas vezes penetrei naqueles ermos montanhosos; e nunca pude fugir à fascinação da quietude e do solene silêncio neles reinantes, apenas interrompido por bandos ruidosos de papagaios. Vivíamos tanto mais satisfeitos e felizes no meio desses prazeres, nos arredores de Carapina quanto havíamos obtido farto suprimento de provisões frescas. As que o viajante, no Brasil, pode carregar consigo consistem em farinha de mandioca (comumente chamada apenas “farinha”), “feijão” preto, “milho”, carne salgada (“carne seca” ou “do sertão”) e “arroz”. Em vez da seca, conseguimos boa carne fresca: o proprietário da “fazenda” forneceu-nos grande quantidade de excelentes laranjas, como também de “aguardente de cana”, arroz, açúcar, farinha, milho e algodão; e era tão liberal, que não aceitou a menor retribuição por tudo isso. Essa recusa obrigou-nos a partir mais cedo do que o faríamos em outras circunstâncias, já que a nossa situação ali, além de outras vantagens, nos trazia a de obter abundante material para a proveitosa continuação das nossas pesquisas científicas. Assim, despedimo-nos de nosso hospedeiro e rumamos para Ponta Negra.

”

“

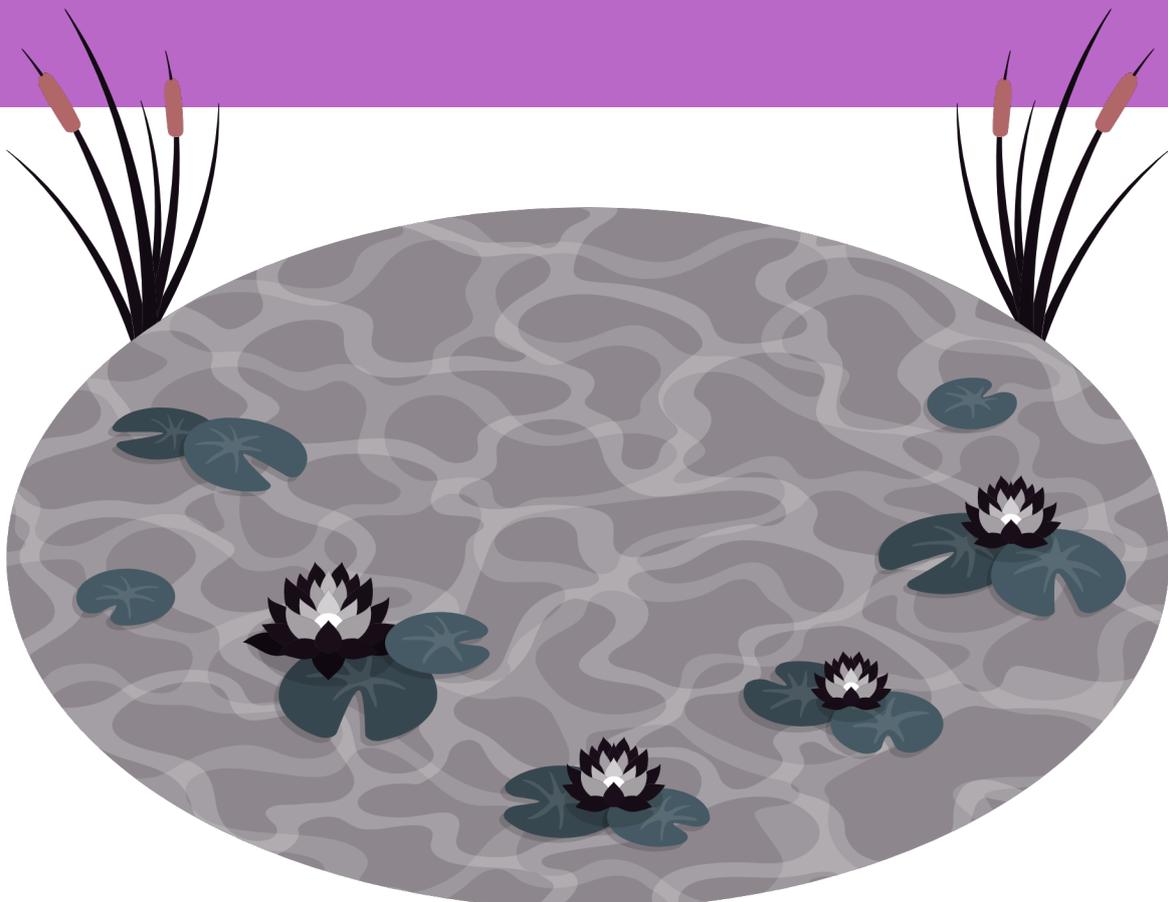
Nosso amável hospedeiro deu-nos um aposento bastante espaçoso para abrigar todas as pessoas com a sua bagagem e onde pudemos ainda acender muitos fogos e cozinhar. Tanto ele como os demais moradores da “fazenda” vinham visitar-nos com frequência e não tinham meios de exprimir a admiração ante o nosso trabalho de preparar exemplares de história natural. Aí permanecemos durante muito tempo, enquanto caíam pesados aguaceiros e, quando o tempo levantou, tivemos ótima oportunidade para caçadas produtivas nas altas montanhas cobertas de mata, que circundam o vale de canaviais.

”

“

As estradas dessa região estavam em péssimo estado, a ponto dos animais correrem o perigo de atolar-se sob o peso da enorme carga. Cavalgamos entre espessas moitas de altas gramineas, de Canna, Rhexia e de pequenas palmeiras; encontramos, em algumas elevações, negros desbastando o mato, para tornar o terreno próprio à lavoura, com segadeiras de cabos compridos ou “foices”; e, em algumas “fazendas” que atravessamos, havia fileiras ou sebes compactas de laranjeiras. Com os bolsos e as sacolas pesadas de passarinhos e de diversas espécies de sementes então maduras, chegamos, por fim, à Lagoa de Ponta Negra. Nas margens brejosas e cheias de caniços desse bonito lago, vimos grandes bandos de jaçanas (*Parra jacana*, Linn.) e garças brancas, sendo que uma destas foi abatida pelo nosso caçador; mesmo nos pântanos a plumagem branca de leite dessa ave conserva sempre a mais deslumbrante pureza, devido às longas pernas.

”



“

Alcançamos uma “venda” solitária, não longe do lago, onde os viajantes abatidos pelo calor costumam refrescar-se com limonada, ou senão com um ponche frio.

Aí soubemos que a notícia da nossa próxima chegada nos precedera, e que o proprietário já imaginara especular sobre as nossas bolsas. De uma eminência perto da casa, admiramos lindo panorama do lago, do oceano e da região do Rio de Janeiro que ficara atrás de nós. Mais além, nos matos através dos quais passamos, descobrimos, e em quantidade, um pássaro ainda inteiramente desconhecido para nós, o grande “anu” (*Crotophaga major*, Linn).

”



“

A plumagem é negra, lustrada de azul ferrete e verde cúpreo. Aí ouvimos o fragor das vagas, e logo depois surgiram as dunas, de onde se viam as ondas espumejantes rebentarem violentamente sobre as penedias selváticas da costa. Próximo à areia branca da “praia” há um intrincado bosque de várias espécies de árvores mofinas, de crescimento tolhido pelos ventos do mar e pelas tempestades. Nesse cerrado, de cerca de vinte a trinta pés de altura, através do qual continuamos a viagem ao longo da costa, vicejam altos Cactus e abundam bromélias de formosas flores. Pequenos lagartos faziam ruído nas folhas secas das moitas, enquanto o grande “anu” e o “tié” (*Tanagra brasilia*, Linn.) de plumagem vermelho-sanguínea, animavam a cena. Este lindo pássaro é muito comum no Brasil, sobretudo perto do litoral e nas margens dos rios.

”

“

À tarde, estávamos entre o mar e um extenso caniçal brejoso, onde bandos de pássaros vinham chegando para dormir: o “tié” era abundante, e o tordo de ventre vermelho, (*Turdus rufiventris* do Museu de Berlim), desferia o canto melancólico, mas agradável, do cimo dos arbustos. Ao crepúsculo, os bacuraus (*Caprimulgus*) esvoaçavam ao redor dos nossos cavalos e bem assim uma grande falena de cor azul-ardosiado (*Papilio idomeneus*, Fabr) de que poderíamos caçar muitos exemplares, se tivéssemos uma rede própria. Achei um morcego morto pendurado num galho, na posição mesma em que devia estar antes de morrer. Pertencia ao gênero *Phyllostoma*, assemelhava-se bastante no descrito por Azara com o nome de *Chauvesouris première* ou *obscure et rayée*. Foi o único exemplar que vi dessa espécie durante todo o transcurso da minha viagem.

”

“

Quando íamos examinar a flor de uma palmeira baixa, encontramos, seguro a um ramo, o ninho habilmente construído de um beija-flor de coroa azul, espécie que se parece bastante com *Trochilus bicolor* (*Saphir émeraude*, Buff). Era elegantemente revestido com musgo, tal como os ninhos do nosso pintasilgo ou de outros passarinhos. Em todos os ninhos havia dois ovos brancos extremamente pequenos em algumas espécies. Continuando o caminho, passamos à noitinha entre uma porção de lagos onde cintilavam insetos luminosos e coaxavam as rãs, e, após longo dia de jornada, chegamos à “venda” situada junto ao lago Saquarema, onde encontramos os cargueiros e camaradas, que seguiram outro caminho. Esperávamos encontrar as panelas, no fogo; porém faltava aqui tudo que é necessário para preparar uma refeição. Mandamos, por isso, alguns serviçais em busca de provisões; mas demoraram tanto, que começamos a desesperar da volta e despachamos outros atrás deles a cavalo. Voltaram com os nossos mensageiros, trazendo apenas em seus sacos de couro (“broacas”) peixe fresco. A noite, porém, já passara e a ceia converteu-se em almoço.

”

LUDWIG VON RANGO

Ludwig von Rango, nascido em 19 de junho de 1793 e falecido em 27 de outubro de 1868, foi um oficial militar, explorador e naturalista prussiano que teve uma contribuição significativa para o conhecimento da fauna e flora brasileiras.

Antes de sua viagem ao Brasil, von Rango serviu no exército prussiano e participou das Guerras Napoleônicas. Em 1822, ele se juntou à expedição de Georg Heinrich von Langsdorff, um renomado naturalista russo-alemão, ao Brasil, que tinha como objetivo explorar e documentar a diversidade biológica do país.

Durante sua estadia no Brasil, Ludwig von Rango viajou principalmente pela região sudeste, incluindo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Ele coletou diversos espécimes de plantas e animais, contribuindo para o conhecimento científico sobre a biodiversidade brasileira. Além disso, von Rango também realizou observações e anotações sobre a geografia, a geologia e a cultura das áreas visitadas.

A importância de Ludwig von Rango para a ciência e o conhecimento da biodiversidade brasileira está nas suas coleções e anotações, que serviram como base para estudos posteriores de botânicos e zoólogos. Infelizmente, muitas de suas descobertas e observações não foram amplamente publicadas ou divulgadas durante sua vida, e seu trabalho é menos conhecido em comparação a outros naturalistas que exploraram o Brasil no mesmo período.

Apesar de sua contribuição para a ciência ser menos reconhecida, Ludwig von Rango é um exemplo da dedicação e do espírito explorador dos naturalistas do século XIX, cujo trabalho ajudou a aumentar o conhecimento sobre o Brasil e sua rica biodiversidade.



“

Capítulo XXXV

Caravelas. Sensação sob a luz das estrelas e do luar. Influência nefasta da lua. Ventos favoráveis. O barco de Blankenese. O salmão. A música das ondas. O canal. Um farol. A Comissão de Saúde. Cuxhaven. Hamburgo. Fim da viagem – 108

A esse acampamento veio ter um fazendeiro que mora na vizinhança de Cabo Frio, com seus dois escravos. Depois de nos encararmos devidamente, aceitou ele nossa proposta de juntar-se ao grupo e servir-nos de guia, reservando-nos, porém, prudentemente, o direito de escolher os pontos de repouso se os que nos propusesse ficassem demasiado longe ou perto. Primeiramente, levou-nos ele a uma freguesia que disse ser Marica e está situada num lago que tem umas três milhas de extensão.

”

“

Não é uma região especialmente fértil. Suas margens são em boa parte baixas e pantanosas e o terreno parece em torno muito arenoso; a grama dos pastos é muito curta e a mata nos molros, entremeada de pedras. Entre os animais que pastavam na redondeza, vi uma bela variedade de cabras que já tinha admirado nas proximidades do Rio. Do referido lago sai um caminho de terra até a vila de Santa Maria de Maricá, com sua igreja, ruas arenosas e casas de um só andar. Está lindamente situada. Quanto mais progredíamos, tanto mais lamentava eu o que ia perdendo da natureza por não ser um naturalista. Dificilmente se encontrará noutro lugar uma profusão mais admirável de objetos do reino vegetal, capazes de prender a atenção de um cientista.

”

“

Não é uma região especialmente fértil. Suas margens são em boa parte baixas e pantanosas e o terreno parece em torno muito arenoso; a grama dos pastos é muito curta e a mata nos molhos, entremeada de pedras. Entre os animais que pastavam na redondeza, vi uma bela variedade de cabras que já tinha admirado nas proximidades do Rio. Do referido lago sai um caminho de terra até a vila de Santa Maria de Maricá, com sua igreja, ruas arenosas e casas de um só andar. Está lindamente situada. Quanto mais progredíamos, tanto mais lamentava eu o que ia perdendo da natureza por não ser um naturalista. Dificilmente se encontrará noutro lugar uma profusão mais admirável de objetos do reino vegetal, capazes de prender a atenção de um cientista.

”

“

Na proximidade de um bosque escuro, que me fez grande impressão, Edward deu um tiro de mestre, apesar da mão ferida, abatendo um tucano, que é um pássaro de grande bico, cor de laranja e penas pretas, difícil de alcançar porque pousa sempre nos galhos mais altos. Justamente, para nossa admiração, foi essa bela presa cair às mãos do pior caçador; pelo que, de pilhéria, atribuímos ao gosto pela música o fato de o pássaro se deixar apanhar por Edward. Em memória desse iro feliz, o tucano ficou sendo para nós amigo do canto, nome que até agora conserva..

”



“

Detivemo-nos ao meio-dia, para minha satisfação, no engenho Gurapina, pelo qual passava a estrada. Era o primeiro que eu via e assim tive toda a comodidade para examiná-lo. Depois de deixarmos o lago para trás, em Ponta Negra, levou-nos o brasileiro por um caminho bem junto ao mar que nos proporcionou belíssimo panorama. É esta uma região de muita água, pantanosa, causando, assim, aos viajantes bastante desconforto, obrigando-os muitas vezes a entrar pelos brejos ou furar pelas picadas estreitas de lenhadores. O lago Saquarema, ligado ao mar e habitado por pescadores, oferece magnífico quadro, digno de desafiar o pincel de um pintor. Ao lado fica a freguesia de Saquarema, povoada de pescadores e roceiros, relativamente extensa, com sua igreja sobre o alto. O telégrafo local, que se corresponde com o Rio, distraiu-me enquanto os companheiros prepararam o almoço, o qual teve um acompanhamento musical. Nosso brasileiro nos havia proporcionado, sem dúvida, o mais interessante dos passeios, pois novas perspectivas se abriam a todo instante à nossa vista.

”

CHARLES FREDERICK HARTT

De acordo com a enciclopédia brasileira, em 1874, nasceu Charles Frederick Hartt (1840-1878) liderou uma expedição científica ao Brasil e conseguiu convencer as autoridades locais da necessidade de elaborar um mapa geológico do Império. Antes dessa expedição, Hartt já havia visitado o Brasil em quatro ocasiões. Na primeira delas, participou da Expedição Thayer, entre 1865 e 1866, financiada pelo empresário e filantropo americano Nathaniel Thayer Jr. (1808-1883) e liderada por seu ex-professor Louis Agassiz (1807-1873). Durante essa expedição, Hartt mapeou a geologia da região entre o Rio de Janeiro e o norte da Bahia. Em 1867, já trabalhando no Instituto Cooper em Nova York, Hartt voltou ao Brasil de forma independente e examinou a costa entre Pernambuco e o Rio de Janeiro, com foco especial na Bahia e nos recifes de Abrolhos. Em 1868, tornou-se professor de História Natural no Vassar College e na Universidade de Cornell. Em 1870 e 1871, liderou as Expedições Morgan ao Amazonas, financiadas pelo político americano Edwin D. Morgan (1811-1883).

Hartt obteve sucesso em sua proposta junto ao Governo Imperial e, por meio do Aviso de 30 de abril de 1875, criou a Comissão Geológica do Império. A comissão estava vinculada ao Ministério da Agricultura e tinha como objetivo fomentar o desenvolvimento das atividades agrícolas e mineradoras por meio do conhecimento geológico. Hartt foi convidado para



liderar a comissão e contou com a colaboração dos geólogos Orville Adalbert Derby (1851-1915), Richard Rathbun (1852-1918), John Casper Branner (1850-1922), Elias Fausto Pacheco Jordão (1849-1901) e Francisco José de Freitas. Outros membros da comissão incluíram os geólogos Luther Wagoner, Frank Carpenter, o naturalista Herbert Huntington Smith (1851-1919) e o fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923).

Hartt foi contratado como naturalista-viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro por volta de 1874. Em 1876, assumiu a Seção de Geologia e reorganizou as coleções, preparando a mostra mineralógica brasileira apresentada na Exposição Universal de Filadélfia de 1876. Hartt faleceu em 1878 no Rio de Janeiro, vítima de febre amarela. Suas coleções foram confiadas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, a única instituição da época capaz de receber todo o trabalho da Comissão Geológica, tanto intelectual quanto fisicamente.

“

As ilhas de Maricá se acham situadas a algumas milhas distantes da costa entre o Rio de Janeiro e Cabo Frio. São constituídas por gnaisse em camadas de desigual dureza, e oferecem excelente oportunidade para a comparação das superfícies denudadas pela decomposição eólica ou pela ação das vagas. A superfície geral das ilhas é arredondada, sendo coberta por argila de drift. Algumas rochas nuas são regularmente arredondadas porém ao longo das praias, sob a ação das vagas, as camadas mais moles são desgastadas mais profundamente do que as mais duras, sendo a superfície muito irregular. Nas pedras, é muito comum uma espécie de Echinometra (*E. michelin* Desor), ouriço do mar com espículas um tanto longas, purpurino escuro, vivendo numa zona que se estende inferiormente até uma certa distância abaixo da linha das marés. São encontrados aí, cada qual numa depressão em forma de taça escavada na rocha, sendo que em alguns trechos a rocha assume um franco aspecto de favo de mel em sua superfície, devido a tais “ninhos”. Acima da zona habitada pelos ouriços, encontram-se ninhos, porém vazios, e nos locais protegidos como, por exemplo, nas aberturas estreitas entre as rochas, pode se observar que tais ninhos alcançam uma altura de vários pés acima do nível das marés mais altas, o que demonstra que a elevação da costa foi muito recente. Verifiquei que os ninhos aparecem em menor número e tanto menos bem conservados quanto mais em cima, o que me levou à convicção de que o soerguimento foi gradual, e, segundo creio, ainda se processa.

”

“

O litoral entre o Rio de Janeiro e Cabo Frio é, em grande extensão, elevado e muitíssimo pitoresco. Muitos morros são desnudos e apresentam estranhos contornos. O esboço seguinte representa o litoral visto das proximidades da ilha de Maricá. A esquerda, acham-se as montanhas do Rio.

”

“

Longas praias marítimas, atravessando de lado a lado baías formadas pelas montanhas, deram origem a lagoas ao longo do litoral, e as terras baixas entre a barra do Rio de Janeiro e Ponta Negra, são em grande parte ocupadas por pantanais e lagoas. Destas, a mais notável é a Lagoa de Marica, com umas seis milhas de comprimento, salgada, e separada do mar, como a Lagoa de Freitas, por uma praia arenosa, que os habitantes são obrigados de vez em quando a cortar, para dar passagem às águas da lagoa durante a época das cheias. Essa lagoa, como aliás todas as outras ao longo do litoral, é extraordinariamente rica em peixes.

”

“

Uma língua de areia se estende de oeste a leste de Ponta Negra a Cabo Frio. “Pode ter de oito a dez léguas de largura do mar até à cordilheira, sendo alcantilada nesse intervalo por várias serras e ocupada por algumas lagoas. Toda a parte plana dessa região é imprópria à agricultura devido à profundidade das areias, e por ser inundada durante uma parte do ano”. Essa baixada parece estender-se ao longo dos rios São João e uma até mar ao norte de Cabo Frio.

”

“

A Lagoa Saquarema é bastante grande e fica situada a leste de Ponta Negra, separada do mar, como a Lagoa Marica, por uma faixa de areia. “Tem três milhas (portuguesas) de extensão, e $\frac{3}{4}$ de légua em sua maior largura. É salgada, rica em peixe, e separada do mar por estreita porção de areia. Quando as planícies em volta começam a ser cobertas pelas águas dos rios que nela vão ter, os habitantes abrem uma passagem para o oceano na ponta oriental, a qual se conserva como um rio não navegável durante o inverno, findo o qual é fechada pelas ressacas”.

”

JOHN LUCCOCK

John Luccock nasceu em 1779 em Leeds, Inglaterra, e faleceu em 1840. Ele foi um clérigo, escritor e naturalista inglês que visitou o Brasil no início do século XIX e contribuiu para o conhecimento do país e sua biodiversidade por meio de suas observações e escritos.

Luccock chegou ao Brasil em 1808, logo após a chegada da família real portuguesa. Ele passou cerca de oito anos no país, principalmente na cidade do Rio de Janeiro e em seus arredores, mas também fez viagens a outras regiões, como Minas Gerais e São Paulo. Durante sua estadia, Luccock observou atentamente a flora e a fauna brasileiras, bem como a geografia, a geologia, a economia e os costumes locais.

Além de suas atividades como naturalista, Luccock também se envolveu em atividades comerciais e industriais no Brasil, o que lhe permitiu obter uma visão aprofundada da sociedade e da economia brasileiras. Essas experiências e observações deram a ele uma perspectiva única sobre o país, que ele mais tarde registrou em seus escritos.

A contribuição de John Luccock para o conhecimento do Brasil e de sua biodiversidade é principalmente evidenciada por sua obra “Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil, Taken during a Residence of Ten Years in that Country, from 1808 to 1818” (Notas sobre o Rio de Janeiro e as partes meridionais do Brasil, feitas durante uma residência de dez anos naquele país, de 1808 a 1818), publicada em 1820. Neste livro, Luccock fornece uma descrição detalhada e vívida do Brasil, incluindo informações sobre sua flora, fauna, geografia, história, cultura e economia. A obra é considerada uma fonte valiosa para pesquisadores e estudiosos interessados na história e na natureza do Brasil no início do século XIX.

Embora John Luccock possa não ser tão conhecido quanto outros naturalistas que visitaram o Brasil, sua obra oferece uma visão importante e abrangente do país durante um período de grande mudança e desenvolvimento.

CHARLES ROBERT DARWIN

Charles Robert Darwin, nascido em 12 de fevereiro de 1809 e falecido em 19 de abril de 1882, foi um naturalista inglês cuja teoria da evolução por seleção natural revolucionou a biologia e a ciência em geral. Embora seja mais conhecido por seu trabalho sobre a evolução e por sua viagem a bordo do HMS Beagle, ele também passou um tempo no Brasil, que teve um impacto duradouro em seu pensamento e trabalho científico.

Darwin chegou ao Brasil em 1832 como parte de sua viagem de cinco anos ao redor do mundo a bordo do HMS Beagle, sob o comando do capitão Robert FitzRoy. Durante sua estadia no Brasil, Darwin visitou várias regiões, incluindo a cidade do Rio de Janeiro, a província de São Paulo e a província de Bahia. Ele ficou profundamente impressionado com a diversidade e a beleza da flora e da fauna brasileiras, especialmente da Mata Atlântica, e passou muito tempo coletando espécimes e fazendo observações sobre a vida selvagem e a geologia das áreas que visitou.

A visita de Darwin ao Brasil também o expôs à realidade da escravidão, que era amplamente praticada no país na época. Ele ficou horrorizado com o tratamento dos escravos e registrou suas observações e opiniões em seus diários, que mais tarde serviram como base para seus escritos antiescravagistas.

A passagem de Charles Darwin pelo Brasil teve um impacto significativo em seu pensamento e trabalho científico. A diversidade biológica e geológica que ele encontrou no país o ajudou a desenvolver sua compreensão da evolução e a formular a teoria da seleção natural. Além disso, suas experiências no Brasil enriqueceram seu livro “Viagem do Beagle” (The Voyage of the Beagle), no qual ele descreveu suas viagens e observações detalhadamente.



Embora a estadia de Darwin no Brasil tenha sido relativamente breve, seu trabalho no país teve um impacto duradouro tanto em seu próprio pensamento quanto na história da ciência. A passagem de Darwin pelo Brasil ilustra a importância das viagens de naturalistas no século XIX para o desenvolvimento do conhecimento científico e para a compreensão da diversidade biológica e cultural do mundo.

A passagem de Charles Darwin pelo Brasil não só influenciou seu trabalho científico, como mencionado anteriormente, mas também teve um profundo impacto em suas percepções sobre a sociedade e a humanidade. Ao testemunhar a crueldade e a brutalidade da escravidão no país, Darwin se deparou com uma realidade que fortaleceu sua convicção em defender a igualdade e a justiça. Essas experiências no Brasil serviram como um catalisador para seu pensamento humanista e sua crença na unidade da humanidade, que mais tarde se refletiram em suas teorias evolutivas e em seu ativismo pela abolição da escravidão.

Charles Darwin ficou profundamente perturbado com a escravidão que testemunhou durante sua viagem pelo Brasil a bordo do HMS Beagle. Apesar de ter nascido em uma família com laços com a abolição da escravidão, foi no Brasil que ele vivenciou pessoalmente a crueldade do sistema escravocrata.

Em seus diários e correspondências, Darwin expressou seu horror e repúdio à escravidão. Ele descreveu a brutalidade do tratamento dos escravos pelos seus senhores e a desumanidade das condições em que viviam. Um exemplo disso é um trecho de uma carta que ele escreveu a sua irmã, Caroline Darwin, em 1833:

“

É o suficiente para fazer alguém desistir de toda a humanidade, ou de toda a justiça neste mundo, quando se vê o estado horrível em que os escravos vivem. É absolutamente terrível pensar que somos seres humanos e ainda permitimos que tais coisas aconteçam.

”

Darwin também registrou em seu diário suas observações sobre a escravidão no Brasil, incluindo um incidente em que ele testemunhou um senhor de escravos açoitando um escravo até sangrar, o que o deixou extremamente abalado.

As impressões de Darwin sobre a escravidão no Brasil tiveram um impacto duradouro em sua vida e em seu pensamento. Ele se tornou um defensor ardoroso da abolição da escravidão e trabalhou para aumentar a conscientização sobre a questão em seus escritos e atividades públicas.

A oposição de Darwin à escravidão e sua empatia pelos escravos também influenciaram sua compreensão da humanidade e suas teorias sobre a evolução. Em “A Origem das Espécies” (On the Origin of Species) e “A Descendência do Homem” (The Descent of Man), Darwin argumentou que todos os seres humanos compartilham uma origem comum e que as diferenças entre as raças são superficiais e não justificam a opressão ou a desigualdade. Essa perspectiva humanista e igualitária foi, em parte, moldada por suas experiências no Brasil e por sua oposição à escravidão.

Entretanto, a maior contribuição de Charles Darwin para a ciência é a sua teoria da evolução por seleção natural. Essa teoria é considerada a maior contribuição de Darwin devido a várias razões:

1

UNIFICAÇÃO DA BIOLOGIA

A teoria da evolução por seleção natural fornece um mecanismo unificador para explicar a diversidade e a complexidade dos seres vivos na Terra. Ela conecta diversas áreas da biologia, como genética, ecologia, paleontologia e anatomia comparativa, sob um único princípio explicativo.

2**MUDANÇA DE PARADIGMA**

Antes de Darwin, acreditava-se amplamente que as espécies eram imutáveis e criadas separadamente. A teoria da evolução de Darwin mudou esse paradigma, mostrando que as espécies evoluem e se adaptam ao longo do tempo, e que todas as espécies compartilham um ancestral comum.

3**EXPLICAÇÃO NATURAL**

A teoria da evolução por seleção natural fornece uma explicação natural e científica para a origem das espécies e suas adaptações. Isso contrasta com explicações baseadas em eventos sobrenaturais ou criação especial, permitindo um entendimento mais profundo e baseado em evidências do mundo natural.

4**IMPACTO NA CIÊNCIA E NA SOCIEDADE**

A teoria da evolução de Darwin teve um impacto profundo não apenas na biologia, mas também em outras áreas da ciência, filosofia e até mesmo na política e na religião. Ela desafiou as visões tradicionais sobre a origem e o propósito dos seres vivos e estimulou o estudo científico da história da vida na Terra.

5

APLICABILIDADE PRÁTICA

A teoria da evolução por seleção natural tem aplicações práticas em áreas como medicina, conservação de espécies e agricultura. Por exemplo, o entendimento da evolução ajuda a desenvolver estratégias para combater a resistência a antibióticos e pesticidas, e a conservar a biodiversidade.

A teoria da evolução das espécies proposta por Charles Darwin revolucionou a maneira como entendemos a vida na Terra. Em termos simples, a teoria explica como as espécies mudam e se adaptam ao longo do tempo devido a um processo chamado seleção natural.

Imagine que você está observando uma população de animais, como pássaros. Você notará que nem todos os pássaros são exatamente iguais. Eles podem ter diferenças sutis na cor das penas, no tamanho do bico ou na forma das asas. Essas variações ocorrem naturalmente e são resultado de diferenças nos genes que os pais passam para seus filhos.

Agora, pense nos desafios que esses pássaros enfrentam para sobreviver. Eles precisam encontrar comida, evitar predadores e se adaptar às mudanças no ambiente. Algumas das variações que mencionamos antes podem ajudar certos pássaros a enfrentar esses desafios melhor do que outros. Por exemplo, um pássaro com um bico mais longo pode ser mais eficiente em alcançar alimento escondido do que um pássaro com bico curto.

Darwin chamou esse processo de seleção natural. Os pássaros com características mais adequadas ao seu ambiente têm uma maior chance de sobreviver, se reproduzir e passar seus genes para a próxima geração. Com o tempo, essas características favoráveis se tornam mais comuns na população.

À medida que as gerações passam, a seleção natural molda a população, fazendo com que as espécies se adaptem gradualmente ao seu ambiente. Eventualmente, as mudanças acumuladas podem ser tão grandes que resultam em uma nova espécie, diferente da espécie original.

Em resumo, a teoria da evolução das espécies de Darwin nos diz que as espécies mudam ao longo do tempo por meio da seleção natural, um processo em que indivíduos com características benéficas têm maior probabilidade de sobreviver, se reproduzir e passar essas características para as próximas gerações. Essa teoria revolucionária nos ajudou a entender a incrível diversidade de vida na Terra e como todas as espécies estão interligadas em uma árvore genealógica comum.



Em termos científicos: a ideia principal é que as espécies evoluem gradualmente ao longo do tempo através de processos naturais, e essa evolução é impulsionada pela competição pela sobrevivência e reprodução. Além disso, os seguintes aspectos devem ser considerados:

VARIAÇÃO

Dentro de uma população, os indivíduos apresentam variações em suas características físicas e comportamentais. Essas variações podem ser resultado de mutações genéticas ou da combinação de genes dos pais durante a reprodução.

HEREDITARIEDADE

Algumas dessas variações podem ser passadas de uma geração para a seguinte através dos genes dos pais.

SELEÇÃO NATURAL

Os indivíduos com características que os tornam mais adaptados ao seu ambiente têm maior probabilidade de sobreviver e se reproduzir. Isso significa que suas características favoráveis são mais propensas a serem passadas para a próxima geração.

ADAPTAÇÃO E EVOLUÇÃO

Ao longo do tempo, a seleção natural leva à prevalência de características benéficas na população e, eventualmente, à evolução de novas espécies.

“

Às nove horas, juntei-me ao grupo na Praia Grande, vilarejo do lado oposto da enseada. Éramos seis: o sr. Patrick Lennon, um irlandês disciplinado que fez uma grande fortuna quando o Brasil se abriu para os ingleses vendendo espetáculos, termômetros etc. Cerca de oito anos atrás, ele comprou um terreno com floresta em Macaé e ali instalou um agente inglês. A comunicação é tão difícil que, desde aquele período, ele não conseguiu obter qualquer remessa. Após tanto atraso, o sr. Patrick resolveu visitar pessoalmente sua propriedade. Foi fácil acertar que eu lhe faria companhia e esta era com certeza uma excelente oportunidade para ver o país e seus habitantes. O sr. Lennon morou no Rio por 20 anos e, portanto, estava bem qualificado para obter informações, com sua disposição tão astuta e inteligente. Ele estava acompanhado por seu sobrinho, um jovem arguto que estava seguindo os passos do tio e fazendo dinheiro. Em terceiro vinha o sr. Lawrie, um escocês inteligente e cultivado, homem egoísta e sem princípios cujos negócios se dividiam entre o comércio de escravos e as trapaças. Ele trouxe consigo um amigo, o sr. Gosling, aprendiz de farmacêutico. O irmão do sr. Lawrie se casou com uma bela brasileira, filha de um grande proprietário de terras, também em Macaé, e é essa pessoa que o sr. Lawrie estava indo visitar. Um garoto negro que serviu de guia e eu completamos o grupo. A natureza do Brasil poucas vezes viu um grupo de aventureiros mais extraordinário e quixotesco.

”

“

Nosso primeiro estágio foi muito interessante. O dia estava poderosamente quente e tudo estava quieto quando passamos pela mata, com exceção das borboletas grandes e brilhantes que batiam asas com indolência. A vista que tivemos ao cruzar as montanhas por trás de Praia Grande foi muito sublime e pitoresca. As cores eram intensas e o matiz predominante era um azul escuro, com o céu e as águas calmas da baía rivalizando em esplendor. Após passar por uma região cultivada, adentramos uma floresta cuja grandeza não podia ser superada. À medida que os raios de sol penetravam a massa emaranhada, lembrei-me energicamente de duas gravuras francesas feitas a partir dos desenhos de Maurice Rugendas e Le Compte de Clavac. Elas representam bem o número infinito de cipós e plantas parasitas e o contraste das árvores.

”

“

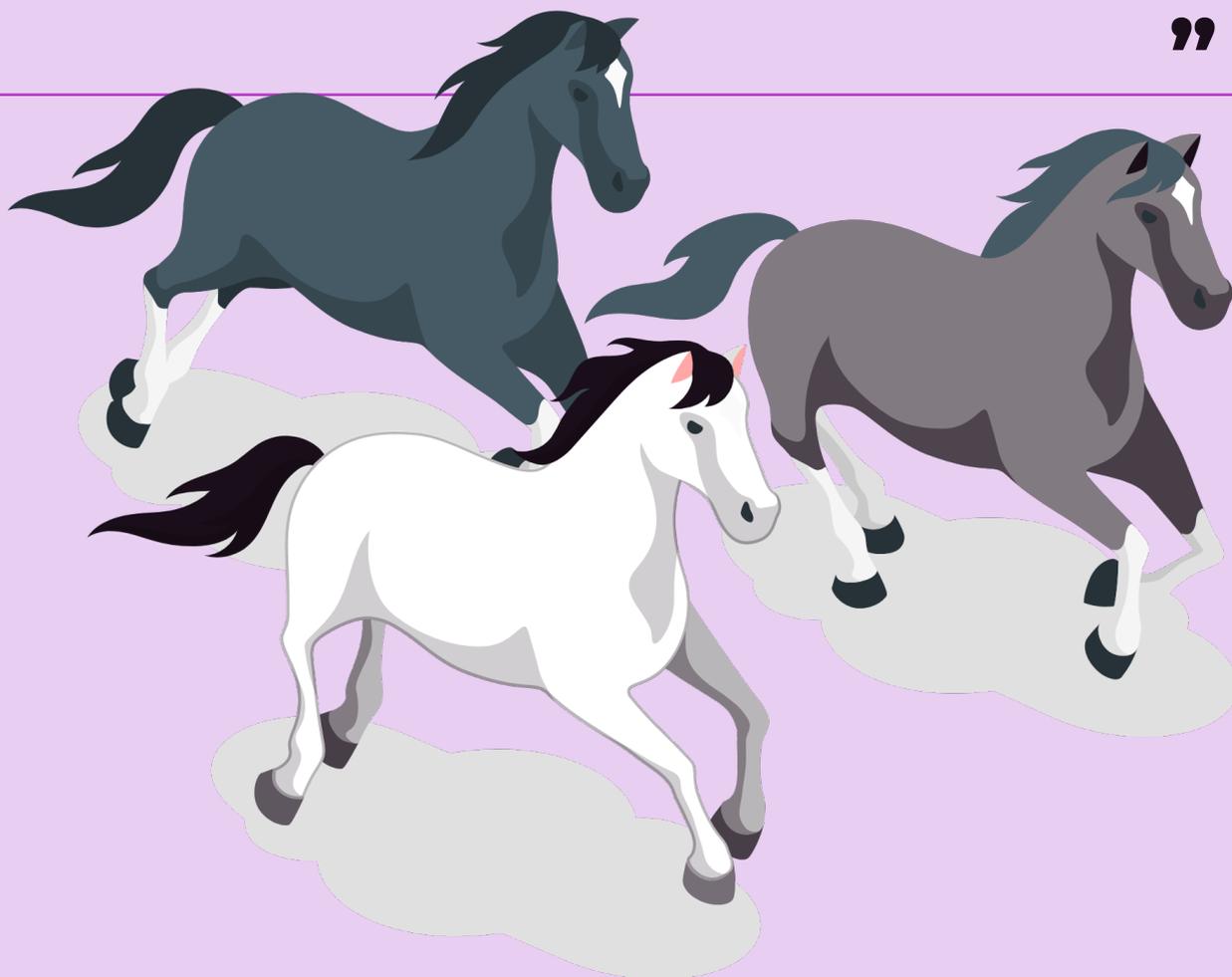
Como foi ficando escuro, passamos sob uma das montanhas maciças, nuas e escarpadas de granito tão comuns nesta região. Este lugar é famoso no país por ter sido durante um longo período a morada de alguns escravos fugidos que, cultivando uma pequena gleba de terra próxima ao topo, conseguiram tirar dali seu sustento. Por fim, alguns soldados foram enviados e os prenderam todos, com exceção de uma velha que, a ser capturada de novo, preferiu se espatifar em pedaços e jogou-se bem do topo da montanha. Fosse ela uma matrona romana e isso seria chamado de patriotismo nobre; como se trata de uma negra, foi chamado de obstinação brutal!

”

“

Continuamos cavalgando por algumas horas. Nas últimas milhas, a estrada se emaranhava e passou por um deserto de pântanos e lagoas. A paisagem sob a luz pálida da lua parecia bem desolada. Alguns vaga-lumes passaram rapidamente por nós e um maçarico solitário emitiu seu canto queixoso ao levantar vôo. O bramido distante e taciturno do mar que combinava com os nossos sentimentos mal quebrou o silêncio da noite. Chegamos afinal à venda e tivemos grande prazer de nos deitar nos colchões de palha.

”



Curiosidade:

NATURALISTA VIAJANTE DO MUSEU NACIONAL

No Museu Nacional, o cargo de naturalista viajante era indicado àqueles com formação e conhecimento das ciências naturais, que fosse habilitado para preparar coleções – zoológicas, botânicas, antropológicas, arqueológicas etc. –, provenientes de diversas Províncias do Brasil, para posteriormente enviá-las ao museu acompanhadas de estudos e classificações a serem publicados no periódico. Após a formalização do cargo em 1876, o número de naturalistas viajantes era fixado pelo Ministério da Agricultura, Comércio e obras Públicas sobre a proposta do diretor Geral do Museu nacional (BRASIL, 09 fev. 1876). Em 1892, com a obrigatoriedade de os naturalistas residirem no Rio de Janeiro, conforme se verá a seguir, o cargo mudou para “naturalista-ajudante”, cujas funções eram ajudar os diretores de seção na classificação e outros trabalhos técnicos in loco, além de realizar excursões para aquisição de produtos e artefatos indígenas (KEULLER, 2012, p. 99).³²

Müller foi contratado pelo Museu nacional no dia 16 de setembro de 1876 (Registro de avisos e ofícios recebidos, 16 nov. 1874). na função de Ministro e Secretário de Estado dos negócios da Agricultura, Comércio e obras Públicas cabia ao conselheiro José Fernandes da Costa a assinatura do ofício de contratação. o conselheiro, juntamente com o dr. Ladislau netto, diretor interino do Museu nacional, recomendaram ao imperador d. Pedro ii a autorização para a contratação de Fritz Müller. A função? naturalista viajante em caráter oficial. A razão é clara: Müller construiu uma sólida e reconhecida carreira no campo das ciências. um exemplo notório foi a sua parceria com o inglês Charles darwin.

CONCLUSÃO

Em conclusão, este e-book explorou o fascinante mundo do naturalismo e as expedições dos naturalistas que passaram por Maricá, no Rio de Janeiro. Discutimos o contexto histórico e as características gerais do naturalismo, sua relação com o imperialismo europeu e como essa abordagem científica influenciou a maneira como enxergamos a natureza. Também analisamos a importância das florestas brasileiras, em especial da Mata Atlântica, para essas expedições.

Nesse cenário, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, fundado por Dom João VI, desempenhou um papel crucial no estabelecimento de um espaço científico no território brasileiro e na propagação dos conhecimentos adquiridos em benefício do comércio, da indústria e das artes no país. A instituição reflete a interseção entre a busca pelo conhecimento científico e os interesses imperiais da época. Além disso, está relacionada diretamente com o espírito científico que animou as explorações dos naturalistas. É da mesma opinião a pesquisadora Flávia Souza (2017, p.52) que afirmou:

Canclini (2011) considera os museus como sede cerimonial do patrimônio de um local, interpretado como “repertório fixo de tradições condensadas em objetos” (CANCLINI, 2011, p. 169). nesse sentido, entende-se a implantação do Museu Real do Rio de Janeiro não apenas como um espaço para concentração de suas produções e abrigo de coleções, mas também um local de valorização de sua cultura hegemônica e tradicional (vinda de Portugal), ainda que pertencente a uma pequena parcela da população produtora e consumidora. A situação não difere dos demais museus da América Latina. o espaço era destinado a um público minoritário, constituído em sua maioria por professores universitários e estudantes. Além disso, o espaço utilizado para a construção dos museus era majoritariamente acadêmico, como o Museu da universidade do México e o Museu de São Carlos, na atual Guatemala.

Ao longo do e-book, apresentamos a vida e as realizações de importantes naturalistas que visitaram Maricá, como Augusto de Saint-Hilaire, Maximiliano - Príncipe de Wied Neuwied, Theodor Von Leithold, Ludwig Von Rango, John Luccock, Charles Frederick Hart e Charles Darwin. Cada um deles contribuiu de maneira única para o avanço do conhecimento científico e para a compreensão da biodiversidade brasileira.

Além disso, abordamos a contribuição de Charles Darwin para a ciência através de sua teoria da evolução por seleção natural, que revolucionou a biologia e a maneira como entendemos a vida na Terra. Discutimos as implicações dessa teoria em relação à evolução e ao progresso, bem como as opiniões de Darwin sobre a escravidão.

Por fim, falamos sobre o naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro explicitando ainda mais o empenho e impacto na promoção e no desenvolvimento das ciências naturais e do naturalismo no Brasil.

Esperamos que este e-book tenha proporcionado uma visão abrangente e envolvente do naturalismo e das expedições que ocorreram em Maricá. Que ele sirva como um convite para explorar ainda mais essa rica história e a herança científica deixada por esses notáveis naturalistas. Que, ao conhecer suas histórias e suas contribuições, possamos desenvolver uma maior apreciação e respeito pela natureza e pelo nosso patrimônio natural. Para aqueles que desejam saber mais sobre a riqueza e o patrimônio cultural natural material e imaterial de Maricá pode encontrar mais informações em nosso e-book sobre as Unidades de Conservação ou nos livros sobre o Patrimônio Maricaense.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, F. P. A. O naturalista viajante do museu nacional. In: Notas de um naturalista do sul do Brasil: Fritz Müller: história da ciência e contribuições para a biologia [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017, pp. 49-85. ISBN 978-85-68576-80-9. <https://doi.org/10.7476/9788568576809.0004>.

DARWIN, Charles. A Origem das Espécies, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza, 1 vol., tradução do doutor Mesquita Paul. <http://ecologia.ib.usp.br/ffa/arquivos/abril/darwin1.pdf>

Darwin viagem a bordo do beagle. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=4688

Theodor von Leithold, Ludwig von Rango O Rio de Janeiro Visto por Dois Prussianos em 1819. 1966. <http://brasilianadigital.com.br/brasiana/colecao/obras/101/o-rio-de-janeiro-visto-por-dois-prussianos-em-1819>

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15042009-150645/publico/CHRISTINA_ROSTWOROWSKI_DA_COSTA.pdf

Wied, Maximiliano, Prinz von. Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817. Ed. Nacional. 1942. <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/437>

Biblioteca brasiana <https://brasianafotografica.bn.gov.br/?tag=charles-frederick-hartt>

KURY, L.: 'Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem'. História, Ciências, Saúde □ Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 863-80, 2001.

John Luccock. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Tomadas durante uma estada de dez anos, de 1808 a 1818. São Paulo: Livraria Martins, 1942

Ilustrações retiradas do site **storyset.com**

PROJETO

lagoa VIVCI

produção:

EDUK.AI | Transformação
Inovação educacional
Inteligência Artificial



PREFEITURA DE
MARICÁ